

Rafael Ramos Gurjão
Eduardo Folco Capossoli
Aline Viégas Vianna

O VERDE DA MARÉ

CONTRIBUIÇÕES DO ENSINO DE GEOGRAFIA PARA A EDUCAÇÃO
AMBIENTAL



RIO DE JANEIRO, 2024



O verde da maré:

**Contribuições do ensino de
geografia para a educação
ambiental**

Rafael Ramos Gurjão
Eduardo Folco Capossoli
Aline Viégas Vianna

O verde da maré:

**Contribuições do ensino de
geografia para a educação
ambiental**

1ª Edição



Rio de Janeiro, 2024

COLÉGIO PEDRO II
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO, PESQUISA, EXTENSÃO E
CULTURA
BIBLIOTECA PROFESSORA SILVIA BECHER
CATALOGAÇÃO NA FONTE

G979 Gurjão, Rafael Ramos

O verde da Maré : contribuições do ensino de geografia para a educação ambiental / Rafael Ramos Gurjão ; Eduardo Folco Capossoli ; Aline Viégas Vianna. - 1. ed. - Rio de Janeiro : Imperial Editora, 2024.

54 p.

Bibliografia: p. 54.

ISBN: 978-65-5930-113-3.

1. Geografia (Ensino Fundamental) - Estudo e ensino. 2. Educação ambiental. 3. Globalização. 4. Complexo da Maré (Rio de Janeiro, RJ). 5. Práticas pedagógicas 4. I. Capossoli, Eduardo Folco. II. Vianna, Aline Viégas. III. Colégio Pedro II. IV. Título.

CDD 900

Ficha catalográfica elaborada pela Bibliotecária Simone Alves – CRB7 5692.

Resumo

Este material destaca como o ensino de geografia pode ser uma ferramenta poderosa para promover uma Educação Ambiental crítica, transformadora e libertadora, especialmente em locais onde os direitos humanos são frequentemente violados. O projeto que estamos apresentando tem como objetivo realizar atividades de Educação Ambiental em um CIEP da Secretaria Municipal de Educação do Rio de Janeiro, localizado no complexo da Maré, para os alunos do 9º ano. Começaremos explorando o tema da globalização durante as aulas de geografia e, em seguida, iremos realizar atividades práticas que incentivem os alunos a questionar e transformar o ambiente ao seu redor. A compreensão da questão ambiental e suas ramificações é fundamental para entendermos o mundo de hoje e como podemos mudá-lo para melhor.

Palavras-chave: educação ambiental; ensino de geografia; práticas pedagógicas; globalização.

Sumário

Epígrafe.....	6
Apresentação.....	7
Introdução.....	8
A importância da educação ambiental crítica.....	11
O ensino de geografia e a educação ambiental.....	13
A BNCC, a educação ambiental e os conteúdos de globalização.....	16
Do local ao global: atividade pedagógica aplicada.....	18
Atividade 1: “A inquietação: globalização como fábula.”.....	20
Atividade 2: “Revisitando nosso lugar”.....	25
Atividade 3: “Além dos muros da escola: o campo pela comunidade próxima”.....	34
O pré-campo.....	35
O campo.....	39
O pós-campo.....	47
Algumas considerações.....	52
Referências.....	54

Epígrafe

Descalço e sem camisa ia eu por aí
No tempo de moleque só andava assim
O sol a pino e a gente a correr no quintal
Vovó dizia, cuidado menino, faz mal
Mas na realidade eu tive que aprender
Trilhar alguns caminhos pra não me envolver
Naquela realidade que eu ali vivi
É tão difícil morar nesse beco aqui
Mas, como eu saí do povo
Nunca deixei de acreditar, jamais
Nas coisas que aprendi no morro
Lutar pelos meus ideais
E amar ao próximo como a mim mesmo
Quem dera esse meu desejo
Pudera nos trazer a paz, muita paz

Infância
Canção de Reinaldo

Apresentação



Vista da Maré a partir do terraço do CIEP

A proposta de reflexão pedagógica apresentada neste produto é o resultado de uma pesquisa realizada durante o curso de mestrado no Programa de Mestrado Profissional em Práticas em Educação Básica oferecido pelo Colégio Pedro II. Esta pesquisa foi conduzida em uma escola pública localizada no complexo de favelas da Maré.

Diversos motivos inspiraram essa pesquisa, sendo dois deles particularmente relevantes: o atual cenário ambiental global e a significativa desigualdade social presente na comunidade em questão. Tais fatores serviram de base para o desenvolvimento desta proposta, destacando a importância de abordar questões ambientais na educação, especialmente em regiões afetadas por desigualdades sociais.

É fundamental salientar que este documento não pretende ser um modelo rígido a ser seguido, pois cada atividade é concebida a partir de um contexto específico, exigindo adaptações e transformações conforme necessário. No entanto, o objetivo principal é estimular o debate sobre a educação ambiental e suas aplicações práticas entre outros profissionais da educação, promovendo a troca de experiências e práticas pedagógicas nesse campo essencial.

Nas próximas páginas, apresentamos um debate aberto para que cada vez mais profissionais da educação se engajem na construção de uma sociedade mais equitativa e ambientalmente equilibrada, visando a garantia de um futuro possível e saudável para todos.

Introdução



Este documento apresenta a experiência da implementação de um projeto de educação ambiental na comunidade da Maré. Nele, vamos explorar as perspectivas que motivaram a criação desse projeto, destacando a importância de valorizar o espaço geográfico como uma ferramenta para construção de educação ambiental crítica.

O projeto desenvolvido na comunidade da Maré tem uma abordagem dialética, abrangendo tanto questões relacionadas à globalização quanto à valorização do contexto local. Ao combinar a discussão sobre a globalização com a visita e interpretação dos lugares históricos da favela, os participantes têm a oportunidade de entender como os processos globais afetam e são afetados pela realidade local.

Por um lado, o estudo da globalização pode envolver a análise de como a economia global, as redes de comunicação e as influências culturais moldam a vida das pessoas na comunidade da Maré. Por outro lado, a visita e a reinterpretacão dos lugares históricos da favela oferecem uma perspectiva local, destacando a rica história e as experiências das pessoas que vivem ali.

Além disso, a reinterpretacão do espaço escolar dentro da escola proporciona aos estudantes a oportunidade de refletir sobre como o ambiente educacional pode ser um reflexo e um agente de mudança na comunidade. Essa abordagem holística permite que os participantes compreendam as interconexões entre o local e o global, promovendo uma visão mais ampla e crítica do mundo ao seu redor.

A primeira etapa para iniciar e concretizar esse projeto foi a observação detalhada de todos os elementos dentro e ao redor da escola. Essa observação cuidadosa permitiu aos educadores entenderem melhor o contexto em que estavam trabalhando e identificar áreas de interesse e oportunidades de intervenção.

É importante destacar que essa observação não foi realizada apenas pelos educadores, mas também envolveu ativamente os estudantes. Eles foram encorajados a compartilhar suas próprias observações, análises e opiniões sobre o ambiente escolar e o entorno da comunidade. Esse processo de troca de perspectivas entre educadores e educandos foi fundamental para a criação de um projeto robusto e significativo.

Ao envolver os estudantes desde o início e valorizar suas contribuições, o projeto conseguiu gerar um alto nível de engajamento por parte dos estudantes. Eles se sentiram parte integrante do processo de criação e tomada de decisões, o que aumentou seu interesse e comprometimento com as atividades propostas. Essa colaboração entre educadores e estudantes não apenas fortaleceu o projeto, mas também promoveu uma sensação de empoderamento e pertencimento na comunidade escolar.



Portanto, o diálogo com os estudantes, ao questioná-los sobre suas experiências e opiniões em relação à comunidade, e ampliando para toda a cidade em que vivem e seu espaço de convivência, é a base fundamental na construção do projeto apresentado. Acreditamos que a educação emancipadora vai além da simples transmissão de conhecimento, pois envolve a construção coletiva das atividades pedagógicas. Isso significa retirar o papel passivo dos estudantes e promover uma abordagem democrática, onde suas vozes e perspectivas são valorizadas e integradas ao processo educativo. Ao dar aos estudantes a oportunidade de participar ativamente na definição dos objetivos e na implementação das atividades, estamos não apenas fortalecendo seu senso de autonomia e responsabilidade, mas também contribuindo para uma educação mais inclusiva e significativa.



Pontes e palafitas do Parque Maré. Anthony Leeds. Arquivo Dona Orosina Viera. 1969.

Fonte: Vieira, 2020

A importância da educação ambiental crítica



Os centros urbanos em todo o mundo enfrentam uma série de desafios ambientais, mas é nas disparidades socioeconômicas e no acesso desigual aos recursos naturais que encontramos um cenário ainda mais preocupante. Nas favelas do Rio de Janeiro, especificamente, essas questões atingem um ponto crítico, representando um acúmulo de problemas socioambientais extremos e servindo como símbolos claros de exclusão dentro da cidade.

Diante da evidente degradação socioambiental que assola o complexo de favelas da Maré, é crucial reconhecer o potencial da educação ambiental crítica como um instrumento essencial na construção de um conhecimento crítico. Através dela, podemos não apenas compreender as complexidades do mundo contemporâneo, mas também catalisar transformações locais significativas. A educação ambiental crítica oferece uma nova perspectiva sobre a organização das estruturas sociais e uma compreensão mais profunda da natureza, sendo fundamental para estabelecer um equilíbrio ambiental mais amplo, capaz de melhorar a qualidade de vida das comunidades locais e garantir um futuro sustentável para as próximas gerações.



Ao desenvolver projetos ou programas de educação ambiental crítica, é essencial definir objetivos claros e estratégias eficazes que estejam alinhadas com a realidade local. Em um cenário onde as questões ambientais são frequentemente cooptadas pelo mercado, é crucial que as abordagens educacionais sejam capazes de oferecer informações claras e coerentes, proporcionando uma compreensão verdadeira dos desafios ambientais que enfrentamos.

No ambiente escolar, é fundamental adotar práticas pedagógicas que promovam uma compreensão interdisciplinar das questões ambientais, considerando a insustentabilidade crescente da exploração capitalista dos recursos naturais. É necessário abandonar abordagens superficiais e individualistas, como simples campanhas de reciclagem ou competições ecológicas, e adotar estratégias que promovam a cooperação e a solidariedade entre os estudantes, fundamentos essenciais da educação ambiental crítica.

Enquanto isso, é importante reconhecer que as políticas do chamado mercado "Verde" muitas vezes se traduzem em uma mera apropriação oportunista do discurso ambiental pelas grandes empresas, sem oferecer uma mudança real nas práticas comerciais.

Para avançar, a educação ambiental precisa promover uma consciência global entre os estudantes, capacitando-os a entender não apenas as especificidades locais, mas também as estruturas globais do capitalismo neoliberal. Somente através desse entendimento holístico e comprometido será possível enfrentar efetivamente os desafios ambientais e criar um futuro mais sustentável para todos.



O ensino de geografia e a educação ambiental

No contexto escolar, o desenvolvimento de práticas pedagógicas requer uma compreensão profunda das interações entre as disciplinas e outros elementos curriculares. É cada vez mais evidente a insustentabilidade da exploração capitalista dos recursos naturais, um tema amplamente destacado por diversos autores que enfatizam a necessidade de uma abordagem ambiental ampla e interdisciplinar.

Para abordar a questão ambiental de forma eficaz, é fundamental reconhecer as relações entre o local e o global como essenciais para compreender e enfrentar os desafios contemporâneos. A globalização, ao disseminar valores moldados pelo mercado em todo o mundo, intensifica os problemas socioambientais, que são em grande parte resultado desses processos. Nesse contexto, a educação ambiental crítica desempenha um papel crucial, promovendo a cooperação na formação dos estudantes e estimulando novas formas de convivência coletiva.

Os problemas socioambientais presentes nas periferias do sistema capitalista estão intimamente ligados aos processos de globalização. A crescente escassez de recursos naturais, em especial nos países do sul global, evidencia as desigualdades geopolíticas e socioeconômicas geradas por esses processos. A análise de Gonçalves (2019) ressalta essa dinâmica, destacando a direção desigual do fluxo de recursos.



Os processos ambientais necessários para intervir na atual crise de degradação, assim como em seus possíveis aprofundamentos futuros, manifestam-se de forma localizada, ao passo que a globalização, embora tenha características globais, é influenciada por uma miríade de fatores locais. A ética predominante na vida cotidiana, pautada pela competitividade e pelo consumo, contribui para a crise ambiental.

Os lugares, enquanto entidades geográficas singulares, são cruciais para a compreensão abrangente e a busca por soluções para a crise ambiental. Como destaca Santos (2008), o lugar representa uma totalidade única, onde fenômenos sociais adquirem uma dimensão concreta e solidária. A escola, como espaço carregado de história e afetividade, tem o potencial de transformação social, sendo a educação ambiental uma ferramenta essencial nesse processo.

No entanto, é importante reconhecer que as práticas de EA nas escolas frequentemente carecem de uma abordagem crítica suficiente. Algumas propostas tendem a enfatizar a técnica como solução para as transformações necessárias, ignorando as contradições inerentes ao sistema técnico. Gonçalves (2019) ressalta essa limitação, alertando para a crença acrítica na técnica como redentora da crise ambiental.



Compreender a complexidade das interações entre local e global, e entre técnica e sociedade, é essencial para desenvolver práticas pedagógicas eficazes que promovam a conscientização ambiental e estimulem a ação coletiva rumo à sustentabilidade. Indubitavelmente, o ensino da disciplina de Geografia se apresenta como uma valiosa ferramenta para promover a educação ambiental. Ademais, é possível afirmar que esta área do conhecimento desempenha um papel crucial na ampliação da compreensão dos estudantes acerca dos processos geográficos que caracterizam o mundo contemporâneo.

As semelhanças conceituais entre Geografia e ambientalismo são evidentes na literatura acadêmica. O conceito central das ciências geográficas é o espaço geográfico, definido como o substrato material e imaterial ocupado e moldado na superfície do planeta. Souza (2019) estabelece uma relação importante entre espaço geográfico e ambiente, destacando que, embora o ambiente seja frequentemente reduzido ao "meio ambiente", sua complexidade vai além da natureza não humana, abrangendo as relações entre sociedade e natureza.

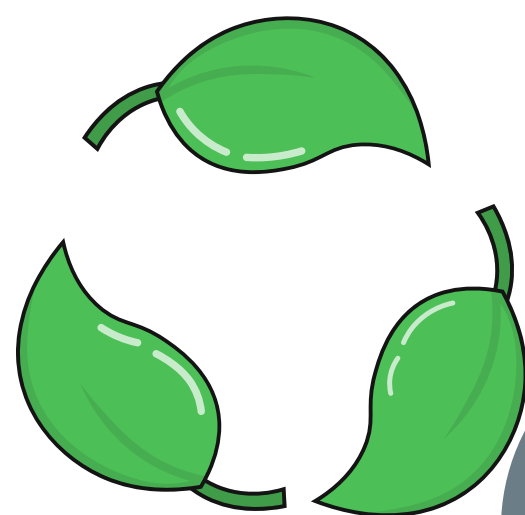
Observa-se, assim, que, apesar das diferenças, existem aproximações conceituais entre Geografia e ambientalismo. No contexto do ensino de Geografia, explicar essas distinções entre espaço geográfico e ambiente pode ser desafiador, especialmente para estudantes do ensino básico. No entanto, essas convergências conceituais proporcionam uma oportunidade para integrar o ensino de Geografia com a Educação Ambiental, permitindo o desenvolvimento conjunto desses conceitos nas salas de aula.



A BNCC, a educação ambiental e os conteúdos de globalização

No âmbito institucional da educação, há uma conexão intrínseca entre as temáticas socioambientais propostas pela educação ambiental e o ensino de geografia. A proposta curricular para o ensino de geografia, especialmente nos anos finais do ensino fundamental, conforme delineada nos documentos da Base Nacional Comum Curricular (BNCC), destaca a relevância do estudo da globalização e suas implicações no mundo contemporâneo. Segundo a BNCC, no 9º ano, é atribuída uma atenção especial à compreensão da formação da nova (des)ordem mundial e ao fenômeno da globalização/mundialização, bem como às suas consequências em diversas esferas da sociedade (BRASIL, 2018).

Além disso, a BNCC ressalta a importância de abordar as transformações nas dinâmicas naturais observadas atualmente. Nos Anos Finais do Ensino Fundamental, tais conceitos ganham dimensões conceituais mais complexas, visando capacitar os estudantes a estabelecerem relações mais elaboradas entre natureza, ambiente e atividades humanas. Isso inclui considerar diferentes escalas e dimensões socioeconômicas e políticas, permitindo aos estudantes compreenderem os fundamentos naturais do planeta e as transformações impostas pelas atividades humanas na dinâmica físico-natural, tanto em ambientes urbanos quanto rurais (BRASIL, 2018).



Assim, torna-se evidente que o ensino de geografia e os objetivos da educação ambiental estão interligados de maneira profunda e complementar. Através do estudo da globalização e das transformações ambientais, os alunos têm a oportunidade não apenas de adquirir conhecimentos sobre os processos geográficos e socioambientais, mas também de desenvolver habilidades de análise crítica e compreensão das complexidades do mundo contemporâneo.

O diálogo entre o ensino de geografia e a educação ambiental se torna ainda mais enriquecedor quando consideramos a importância de proporcionar aos estudantes uma visão ampla e contextualizada das questões globais e locais que afetam o meio ambiente e a sociedade. Nesse sentido, o ensino de geografia desempenha um papel fundamental ao fornecer as bases teóricas e conceituais necessárias para que os discentes compreendam e atuem de forma consciente e responsável em relação aos desafios socioambientais do século XXI.

No entanto, é importante notar que a abordagem da Educação Ambiental em contextos de favelas é uma lacuna que ainda precisa ser preenchida. Apesar das desigualdades nos impactos ambientais nessas áreas, não há, nos documentos oficiais, um direcionamento específico para o trabalho educacional nessas comunidades. Isso evidencia a necessidade de iniciativas mais abrangentes e inclusivas para lidar com as questões ambientais nas áreas urbanas e de um maior apoio do poder público para essas comunidades.

Em suma, o diálogo entre Educação Ambiental e Ensino de Geografia é fundamental para promover uma compreensão mais profunda e holística das questões socioambientais contemporâneas. Ao enfrentar os desafios existentes e buscar soluções inovadoras e inclusivas, podemos construir um futuro mais sustentável e equitativo para as comunidades urbanas e além.

Do local ao global: atividade pedagógica aplicada

O ponto de partida deste projeto foi o ambiente escolar. A atividade foi realizada em um CIEP (Centro Integrado de Educação Pública), onde duas características marcantes se destacam: o amplo espaço do campus escolar e o histórico de abandono desse modelo de instituição de ensino. Essas peculiaridades não passam despercebidas pelos estudantes, que frequentemente expressam insatisfação com as condições precárias e a falta de manutenção da escola.

O CIEP, com seu vasto espaço físico, oferece um potencial considerável para o desenvolvimento de atividades educacionais e comunitárias. No entanto, ao longo dos anos, esse modelo de escola tem sido negligenciado, resultando em infraestrutura deteriorada e problemas de conservação. Os estudantes, ao vivenciarem diariamente essas condições precárias, manifestam preocupação com o ambiente escolar e a qualidade de sua educação.

Diante desse cenário, surge a necessidade premente de revitalização e valorização do espaço escolar. A melhoria das instalações físicas não apenas proporcionaria um ambiente mais adequado para o aprendizado, mas também contribuiria para o bem-estar e a motivação dos estudantes.

É imprescindível ressaltar que esta proposta pedagógica visa estimular o debate e a reflexão. Isso se torna especialmente relevante quando consideramos que a implementação deste projeto foi concebida e elaborada por educadores e estudantes vinculados a um contexto geográfico específico, com suas características distintas.

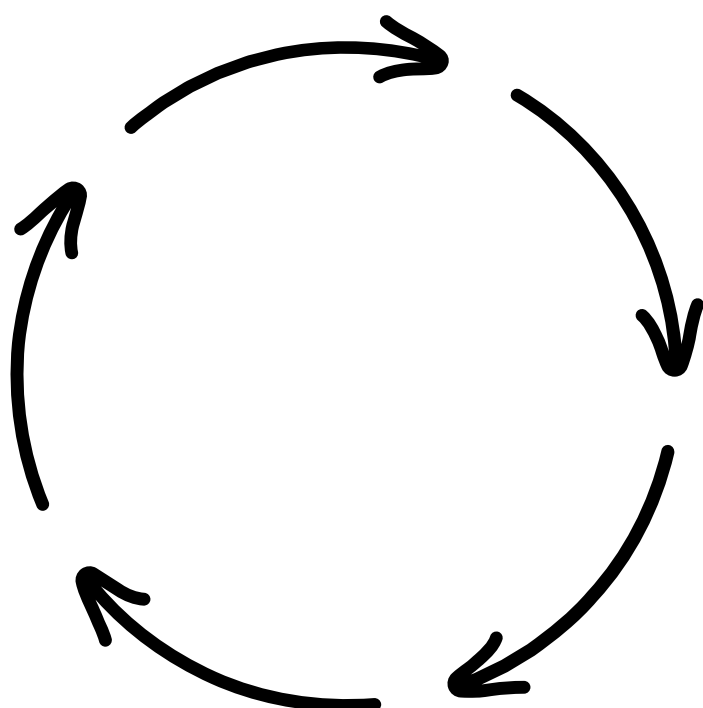
Atividade pedagógica estruturada em três momentos:

A proposta para a construção deste Produto Educacional, intitulado "O Verde da Maré", visa desenvolver uma sequência de atividades direcionadas ao nono ano do ensino fundamental. O principal objetivo é apresentar novas abordagens para a educação ambiental, por meio das aulas de geografia, na cidade do Rio de Janeiro. Para isso, planejamos criar um material instrucional contendo três atividades fundamentais.

➡ Atividade 1: "A inquietação: globalização como fábula."

➡ Atividade 2: "Revisitando nosso lugar"

➡ Atividade 3: "Além dos muros da escola: o campo pela comunidade próxima"



Atividade 1: “A inquietação: globalização como fábula.”

A proposta desta atividade pedagógica visa explorar as interconexões entre o ensino de geografia e a educação ambiental crítica, partindo dos conteúdos do currículo de geografia para o ano em questão. Inicialmente, as aulas foram ministradas de maneira tradicional, com exposições e diálogos sobre o tema da globalização e seus efeitos no mundo contemporâneo.

Para embasar nossas atividades, nos baseamos nas reflexões do geógrafo Milton Santos (2008), que aborda a globalização como uma “fábula”. Durante o desenvolvimento da primeira atividade, promovemos debates em sala, provocando os estudantes a refletirem sobre o significado da globalização em suas vidas cotidianas, incluindo o uso da internet e das redes sociais, bem como seus desejos de consumo.

As aulas sobre globalização permitiram discutir as conexões entre o local e o global, destacando como essas escalas estão interligadas. Surgiu então o debate sobre as consequências da globalização no cotidiano da comunidade, suas origens e possíveis soluções. Observamos que os estudantes reconhecem a pequena influência do indivíduo em transformações globais, o que os leva a pensar em ações locais.



Ao lado o Livro: “Por uma outra globalização” de Milton Santos

À medida que as aulas avançavam, exploramos as análises mais aprofundadas da globalização. Devido à faixa etária dos alunos, as discussões frequentemente se voltavam para o consumo e a busca por um padrão de vida elevado. Rapidamente, chegamos ao debate sobre a globalização como “perversidade”(Santos, 2008)

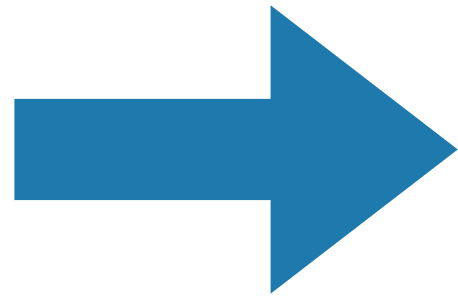
Dessa forma, passamos a refletir sobre o lugar, utilizando a escola como exemplo concreto. Os estudantes expressaram críticas e sugestões sobre diversos aspectos da instituição, evidenciando um alto engajamento.

Prossequimos abordando a globalização como “possibilidade” (Santos, 2008), discutindo alternativas para um mundo mais humano, onde as necessidades das pessoas prevaleçam sobre as demandas do capital. Esse exercício preparou o terreno para atividades posteriores, que visavam imaginar uma escola e uma favela diferentes.

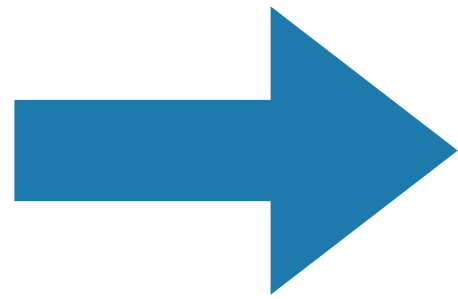
É importante ressaltar que essa fase do projeto ocorreu durante o segundo bimestre letivo de 2023, um período marcado por operações policiais frequentes na comunidade onde a escola está inserida, além de problemas de infraestrutura na própria escola, o que impactou significativamente o desenvolvimento do projeto.

A atividade em questão faz uso de uma sala de aula disposta em formato circular, proporcionando um ambiente propício para a interação entre os alunos. O quadro é utilizado tanto pelo professor quanto pelos estudantes, sendo empregado ocasionalmente para explicar conceitos e apresentar informações relevantes durante o decorrer da atividade. Essa disposição espacial facilita discussões mais dinâmicas e colaborativas, permitindo que os participantes compartilhem ideias, façam perguntas e participem de maneira mais equitativa. Enquanto o professor utiliza o quadro para fornecer explicações e orientações, os alunos também têm a oportunidade de contribuir, seja compartilhando suas próprias ideias ou resolvendo problemas propostos durante a atividade.

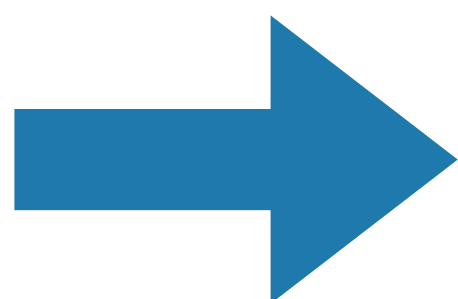
Recursos utilizados



Sala de aula
dinamizada



Quadro ocasional



Livro de referência:
Por uma outra
globalização



Realização da primeira atividade em sala de aula

A primeira iniciativa resultante do pensamento sobre novos rumos para a favela, a escola e o mundo ocorreu com os estudantes de uma turma específica que propuseram uma atividade conjunta. Essa atividade consistia em um café da manhã coletivo, no qual cada estudante contribuiria com um item. Uma data foi marcada e o plano era realizar o café da manhã ao ar livre, dentro do campus, onde também aconteceria a avaliação e reimaginação do espaço escolar. Infelizmente, no dia planejado, não foi possível realizar a observação da escola devido à chuva.

Após o sucesso do primeiro café da manhã, proposto pela turma 3, as outras turmas envolvidas na pesquisa expressaram imediatamente o desejo de também participar do café da manhã. Foi explicado que não cabia ao professor decidir se haveria ou não café da manhã, mas que essa iniciativa havia partido da turma e, por ser uma vontade coletiva, foi realizada. Essa abordagem visava incentivar o engajamento dos estudantes no projeto e destacar a importância do trabalho em equipe, mostrando que coletivamente eles podem alcançar mais do que individualmente.

As outras duas turmas se organizaram e realizaram suas próprias atividades, as quais se mostraram eficazes para engajar os estudantes no projeto e estimular reflexões relacionadas aos objetivos propostos em sala de aula. Durante essas reflexões, muitos estudantes observaram diferenças entre as atividades de cada turma, como a falta de pão em uma e de bebidas em outra, demonstrando na prática que as diferenças surgiram devido às escolhas feitas por cada turma.



Foi notado que a turma 1 teve uma baixa presença, como pode ser visto na imagem 4. Isso se deveu ao fato de que a atividade precisou ser remarcada duas vezes devido a operações policiais.

Devido à chuva, não foi possível realizar a observação e revisita ao campus da escola inicialmente, o que resultou em um atraso na remarcação das atividades. Foram nove dias sem aulas durante o bimestre. No entanto, com o tempo, foi possível organizar e realizar essa atividade externa. Consistiu em visitar o campus e fotografar os lugares favoritos dos estudantes, bem como os locais que eles acreditam precisar de mudanças.



Café da manhã coletivo, idealizado e realizado pelos estudantes

Atividade 2: “Revisitando nosso lugar”

A segunda atividade, realizada em conjunto com os estudantes, teve como objetivo a redescoberta e reavaliação dos espaços da escola. Durante esse momento, por meio de debates em sala de aula, é possível analisar criticamente o ambiente escolar. Os estudantes percorreram a maioria dos espaços do campus, buscando despertar desejos e sugestões para melhorias nesse espaço. É relevante destacar que os estudantes foram ativamente envolvidos na escolha dos locais a serem visitados ao longo dessa atividade.

O primeiro local visitado foi o terraço da escola, fotografia na apresentação. Conforme planejado, o terraço oferece uma vista panorâmica de vários pontos da comunidade, além de importantes pontos da cidade. Além da importância dessa observação, o terraço é um espaço aberto, com acesso bastante restrito para os estudantes. Cabe novamente ressaltar que cada unidade escolar tem características únicas, podendo ser reinterpretada pela comunidade escolar através de várias óticas.

Portanto, houve um desejo explícito por parte dos alunos de todas as turmas em começar a exploração pelo terraço. Abaixo, estão alguns exemplos de fotografias tiradas pelos estudantes:



Ao lado, fotos da incursão ao terraço da escola

Durante a visita ao terraço da escola, diversos debates surgiram. Foi facilmente observado pelos estudantes as discrepâncias nos cuidados dedicados às áreas consideradas "nobres" ou "turísticas" na cidade. Os estudantes continuaram questionando e alguns apontaram possíveis causas para essas diferenças.

Notamos que alguns estudantes atribuíam essas discrepâncias ao racismo estrutural, enquanto outros sugeriam que poderia ser devido à falta de esforço por parte dos moradores da favela, e até mesmo como um castigo divino. Isso gerou um debate acalorado entre eles. Tais perspectivas possibilitaram adentrar em diversos debates importantes, tanto para a disciplina de geografia quanto em educação ambiental.

Posteriormente, continuamos a visita e fomos até o córrego localizado na parte próxima ao muro lateral da escola.



Visita ao córrego ao lado da escola.

No segundo momento da exploração do espaço escolar, dirigimo-nos a um córrego situado ao lado da escola. Conforme mencionado, o córrego serve como limite para um dos muros da escola; entretanto, seu odor e o acúmulo de lixo, quando transbordam, afetam diretamente a rotina escolar, levando à conclusão de que o rio faz parte do ambiente escolar.

Quando o córrego foi abordado em sala de aula, observou-se inicialmente entre os estudantes um desconhecimento sobre o rio. Para eles, o córrego ao lado da escola é visto como um valão, carregando toda a carga semântica negativa associada a esse termo, entendido como um local de degradação irreversível, resultado exclusivo do modo de vida das comunidades locais. Nesse momento em campo, foi essencial resgatar os debates sobre a globalização, especialmente em relação às suas implicações negativas, com o objetivo de compreender verdadeiramente as razões que levam o córrego a estar na condição atual.

A visita ao córrego proporcionou a oportunidade de apresentar e discutir com os estudantes todo o ecossistema da bacia do canal do Cunha, com o intuito de perceber o córrego como parte de algo maior, também em um estado avançado de degradação. Utilizando a cartografia digital, foi possível demonstrar essa integração de forma objetiva aos estudantes. No entanto, as limitações da infraestrutura escolar, principalmente a falta de um laboratório de informática funcional, dificultaram significativamente a utilização da cartografia, que foi realizada através dos poucos aparelhos celulares disponíveis.



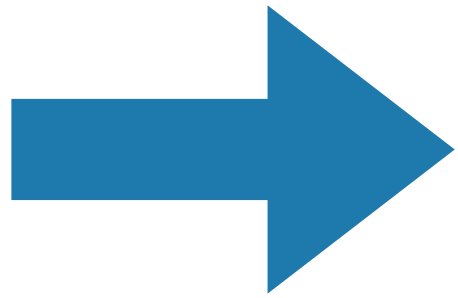
Para encerrar essa atividade, retornamos ao edifício do CIEP, onde pudemos conversar e refletir sobre as questões relacionadas à própria escola no pátio. Nesse momento, surgiram grandes divergências entre os estudantes sobre quais seriam os principais problemas da escola. Assim, decidimos em conjunto dividir a turma em grupos de afinidade, cujo critério era a opinião sobre o espaço da escola. Dessa forma, as turmas foram divididas em grupos e cada um escolheu os pontos que gostariam de analisar e criticar na infraestrutura da unidade escolar.

Os estudantes visitaram então as áreas menos conservadas da escola, com o objetivo de focar na observação dos problemas existentes em nosso ambiente, como salas inutilizadas, acúmulo de lixo nos arredores do campus, falta de manutenção em espaços específicos, entre outros problemas identificados no campus.

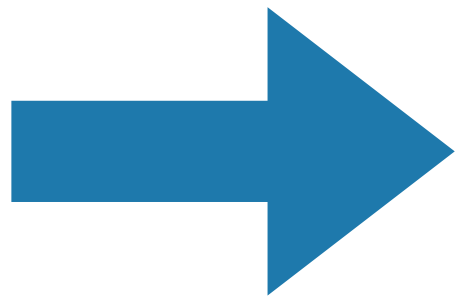
Foi disponibilizado aos estudantes várias formas de realizar suas análises, podendo ser feitas através de seus aparelhos celulares ou em relatos escritos à mão em folhas de papel. Considerando a disparidade no acesso a bens de consumo, nem todos os estudantes possuem recursos para fazer registros digitais para suas análises. No entanto, todas as devolutivas da atividade foram entregues através de celulares.

Os estudantes foram encorajados a relatar todas as críticas que desejassem para que pudéssemos unificá-las em um arquivo contendo esses problemas. Nesse momento, os estudantes foram enfáticos na proposta de transformar esses relatos em alguma forma de protesto. Houve diferentes abordagens propostas por cada turma ou grupo: enquanto parte dos estudantes sugeriu a postagem dos problemas em redes sociais, outros optaram por elaborar um relatório e entregá-lo à direção da escola ou à coordenadoria regional de educação. Também foram feitas propostas de tentar contato com a mídia televisiva tradicional. Independentemente da proposta, decidimos não finalizar isso naquele momento, mas primeiro produzir os materiais necessários.

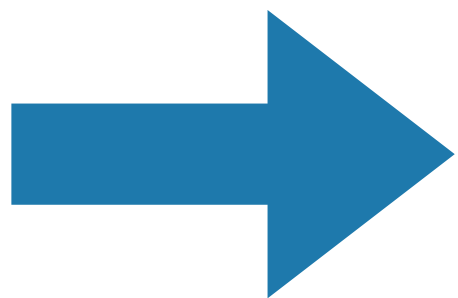
Recursos utilizados



Telefones celulares e computadores(se possível)



software de localização com mapa(google maps, apple maps, etc



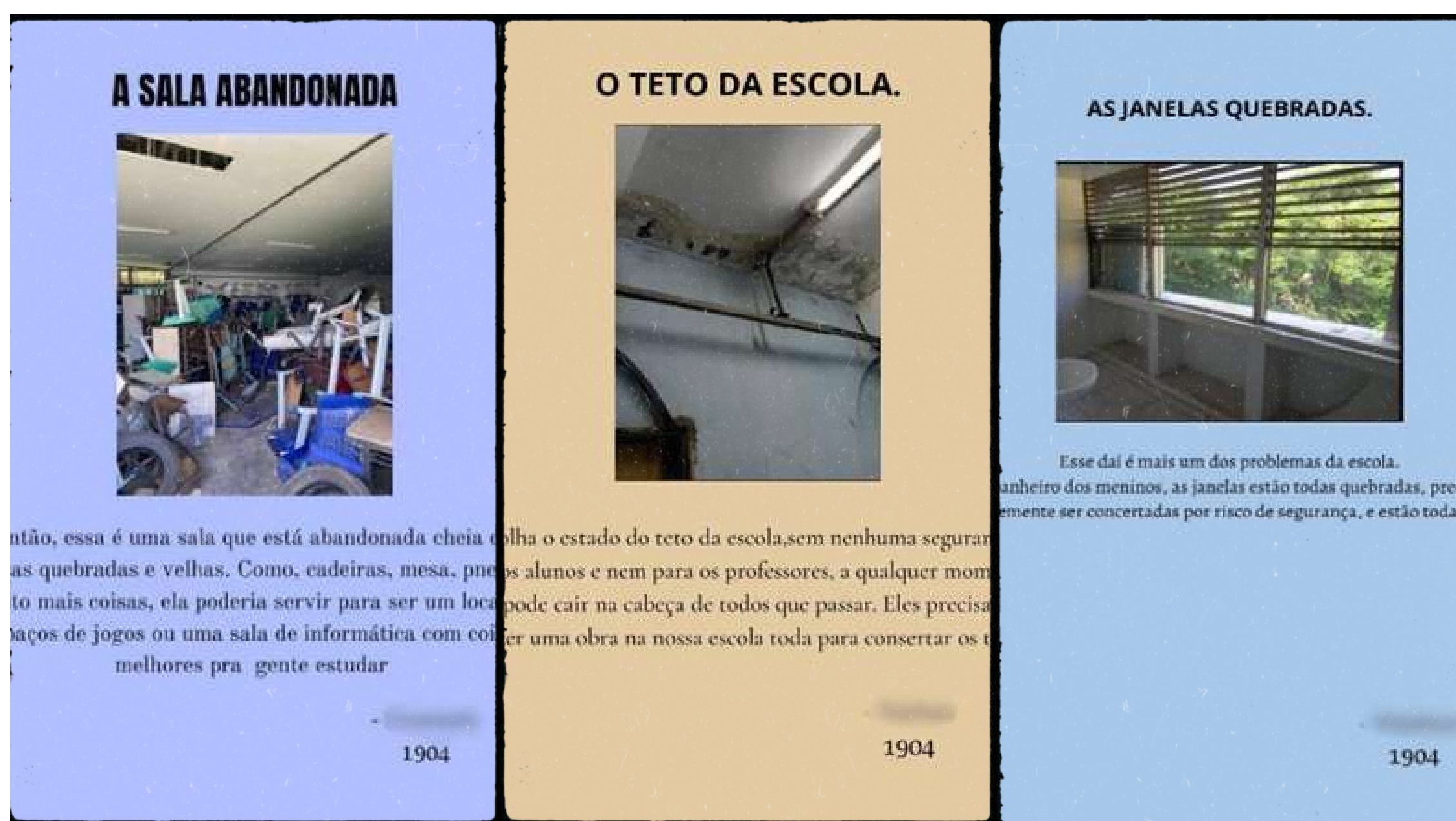
Câmera fotográfica ou celulares.



Obs: Nenhum desses recursos é insubstituível, cabe ao grupo de discentes e docentes encontrar o caminho dada a sua realidade.

Resultados da atividade

Em seguida, iremos apresentar alguns dos trabalhos devolvidos pelos estudantes, os quais expressam suas posições e reflexões sobre o espaço da escola, com alguns deles abordando diretamente as aulas de globalização e o contexto local.



Nessa turma, os debates sobre a forma de entrega das atividades foram mais aprofundados. O grupo chegou à conclusão de que essa proposta de trabalho seria mais eficaz se divulgada amplamente, considerando a comunicação e os meios de alcance, especialmente entre os públicos da mesma geração dos estudantes.

Os estudantes foram notavelmente contra a entrega das atividades em formato físico. Diversas argumentações foram apresentadas para isso: discutiu-se o custo da compra de materiais, considerando que a escola não os fornece; falou-se sobre os impactos ambientais do uso de papel; no entanto, o principal ponto foi o alcance. Trabalhos em papel são menos atrativos para serem divulgados em redes sociais, um veículo de comunicação de grande importância para eles. Nas outras duas turmas, observaram-se pensamentos semelhantes, mas não houve o mesmo nível de interesse nesse debate.



No trabalho acima, observamos que os estudantes o intitularam de "globalização", mesmo isso não sendo solicitado. Além disso, dialogaram perfeitamente com os conceitos desenvolvidos na primeira atividade com a visita ao campus da escola.





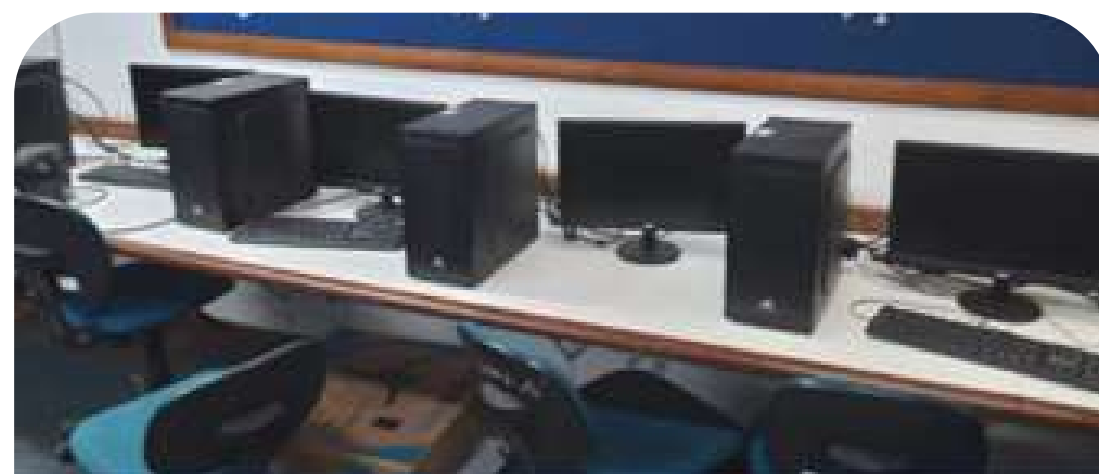
Observou-se que as turmas que tiveram mais adiamentos das atividades apresentaram trabalhos menos elaborados. As operações policiais são uma constante de violência na comunidade da Maré, o que impede a execução de uma rotina de atividades pedagógicas na escola. Cada espaço escolar tem suas dinâmicas e dificuldades, mas mesmo diante delas, é possível desenvolver atividades pedagógicas.



A SALA DE JOGOS

A sala de jogos é um lugar na escola Vicente Mariano, bem usado pelo os alunos, mas tem alguns problemas que poderia ser mudado, tipo, grades, pias, e brinquedos que estão quebrados, as pias não fucionam, e a grade está bastante enferrujadas e também poderiam manter o lugar limpo e organizado.

- Maria Eduarda
1904



Sala De Informática

A sala de informática precisa ser usada.

1º os computadores estão lá sem uso e apenas pegando poeira

2º nós, alunos as vezes temos tempos vagos pois faltam professores ou as vezes ocorre algum problema

esses tempos vagos poderiam ser ocupados na sala de Informática.

3º na nossa atualidade, nós estamos cada dia mais usando tecnologia, principalmente em trabalho, nós precisamos aprender a usar tecnologia de forma produtiva,

Os estudantes demonstram uma preocupação e desejo por maior acesso na escola. As deficiências de infraestrutura do espaço escolar são evidentes, o que reflete constantemente em suas críticas e análises. As devolutivas acima representam questionamentos sobre a organização e uso do espaço escolar, bem como sobre a necessidade de espaços que ofereçam possibilidades de atividades diversificadas.

Fechando a segunda atividade com as devolutivas dos trabalhos, avançaremos para a terceira parte das atividades, na qual iremos além dos muros da escola para pensar e analisar a comunidade como um todo



Atividade 3: “Além dos muros da escola: o campo pela comunidade próxima”

Nesta sessão, vamos apresentar e discutir as experiências da terceira atividade do nosso plano. Dividiremos em três partes:

- Primeira parte: Relato e discussão das experiências durante os debates iniciais antes do trabalho de campo.
- Segunda parte: Descrição da aplicação do trabalho de campo nas turmas participantes.
- Terceira parte: Apresentação e análise dos debates em sala de aula após o trabalho de campo, onde organizaremos e sintetizaremos o que aprendemos."



O pré-campo

No momento denominado pré-campo, nosso objetivo era promover debates e confrontações de ideias e opiniões sobre o ambiente na comunidade da Maré, incentivando uma reflexão crítica sobre o espaço. O professor apresentou o roteiro de campo (próxima página), a partir do qual os estudantes foram encorajados a dialogar sobre suas vivências e pontos de vista. Inicialmente, focamos nas áreas a serem visitadas, mas logo as intervenções dos estudantes se estenderam a outros locais dentro da comunidade.

Durante essa etapa, dois temas emergiram com grande intensidade quando os estudantes foram questionados sobre os problemas ambientais na Maré: o lixo e a violência.

A atividade teve início com a confirmação de que as turmas realizariam a atividade de campo em uma data específica, cancelando apenas em casos de chuva ou instabilidade de segurança. Em seguida, foi entregue o roteiro da atividade, seguido por uma explicação do trajeto e dos motivos para as escolhas feitas. Ao final, os estudantes foram convidados a discutir os problemas ambientais percebidos na comunidade.



Importante!

Cada escola possui um território próprio com características próprias. Mas sempre podemos encontrar marcas da atual globalização no espaço. Só a comunidade escolar pode identificar esses espaços!

Roteiro de campo



ATIVIDADE DE CAMPO



CIEP Operário Vicente Mariano o verde da Maré



PARQUE MUNICIPAL ECOLÓGICO CADU BARCELLOS

Hoje é dia de nossa saída de campo. Nosso objetivo é observar o ambiente da comunidade nos dias de hoje. Caminharemos de nossa escola até o parque ecológico

O espaço conhecido como “a mata do pinheiro” é um parque ecológico municipal. No século XX o espaço era utilizado pela fundação Osvaldo Cruz para a criação de macacos para experimentos. No passado o local era uma ilha e a comunidade Vila do pinheiro cresceu em seu entorno. No ano de 2000 é criado o parque ecológico e passa a pertencer a comunidade.



Ao lado vemos uma imagem da antiga ilha dos pinheiros no início do século XX. Muita coisa mudou desses dias até a atualidade.

- Porque essas mudanças ocorreram?
- A região era um bom lugar para a construção da comunidade?
- o que será que isso tem haver com a globalização.



HOJE

No ano de 2021 foi protocolado junto à câmara dos vereadores o projeto de lei N 866/2021, que consistia em nomear o parque em memória ao jornalista e comunicador Cadu Barcellos. Este que foi vítima da violência de nossa cidade. Comunicador de destaque já tinha diversos trabalhos reconhecidos, como a participação no Filme “5x favela - agora por nós mesmos” e no programa “Greg News”. Por essa justa homenagem o parque a partir do ano de 2021 tem seu nome.



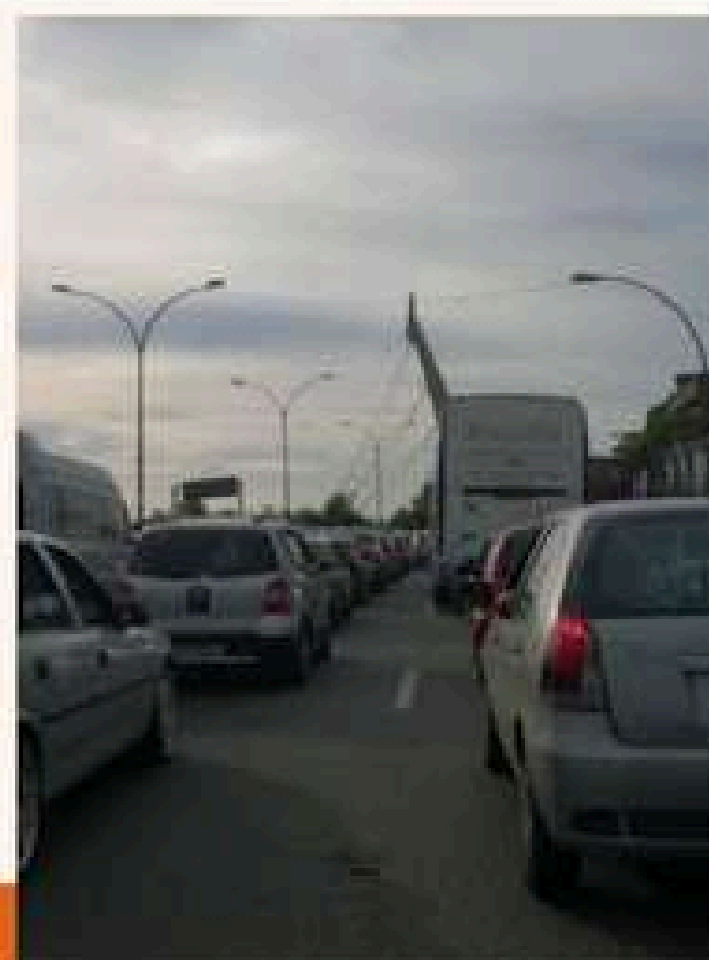
ONTEM

Roteiro de campo

GLOBALIZAÇÃO É BOA PARA QUEM?

“Linha Amarela - Poluição do ar e sonora

Para chegarmos ao Museu da Maré precisaremos passar pela passarela da Linha Amarela, que também é a divisa entre a Vila do Pinheiro e o Morro do Timbal. Essa avenida impacta bastante no meio da cidade bem como no ambiente da comunidade, já que grande parte da poluição do ar e do acúmulo de poeira na comunidade existe em virtude das três grandes linhas expressas que cercam a comunidade (L. Amarela, L. Vermelha e Avenida Brasil).



O Museu da Maré

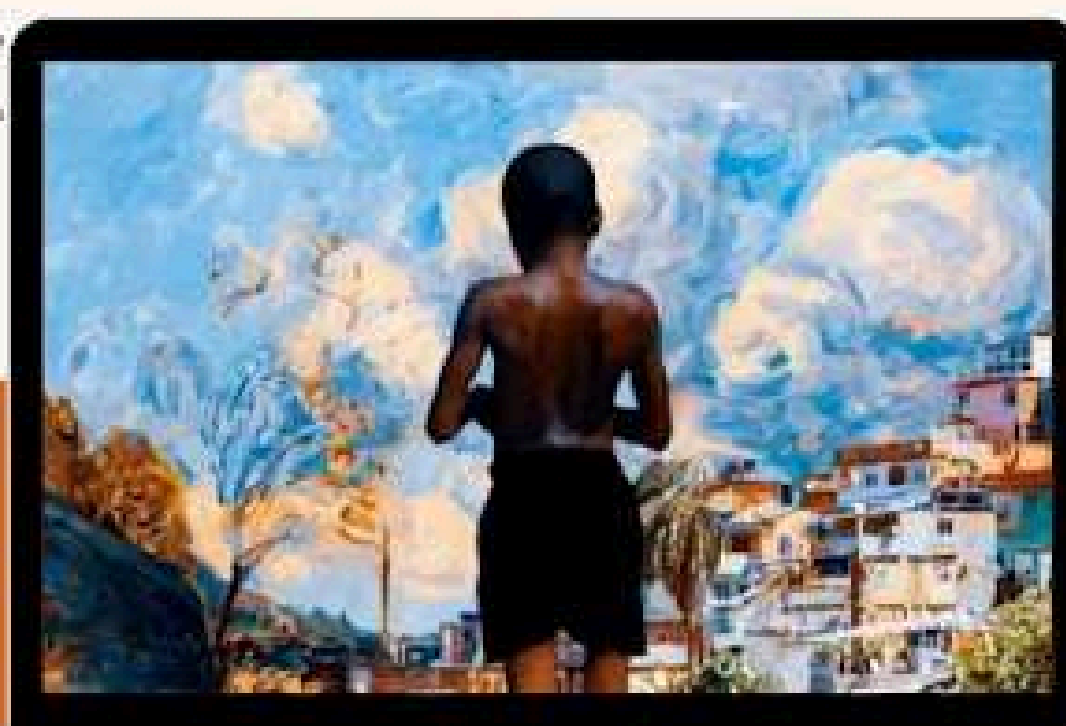


O Museu da Maré é um museu social, criado por um grupo de jovens moradores integrantes do CEASM - Centro de Ações Solidárias da Maré, com o objetivo de criar uma auto-representação da favela da Maré, fortalecendo uma imagem positiva da favela, bem como a autoestima de seus moradores.

O Museu foi inaugurado em 2006 com a presença do então Ministro da Cultura Gilberto Gil e passou a representar um exemplo de uma nova experiência de museu voltado para a inclusão cultural e social das populações marginalizadas no espaço urbano.

Observamos um pouco do hoje e do ontem em nossa comunidade, mas nosso real objetivo é construir o amanhã.

- É possível que a comunidade seja diferente no futuro?
- Os problemas observados foram gerados pelos moradores?
- Quais as relações entre a globalização e o ambiente da comunidade?



A primeira intervenção dos estudantes em todas as turmas foi o relato do incômodo com o lixo exposto em diferentes áreas da comunidade. Houve uma divisão de opiniões sobre a responsabilidade direta desse problema, com alguns estudantes culpando a comunidade e outros apontando para o poder público ou empresas. Abaixo, destacam-se as primeiras intervenções de cada turma analisada.

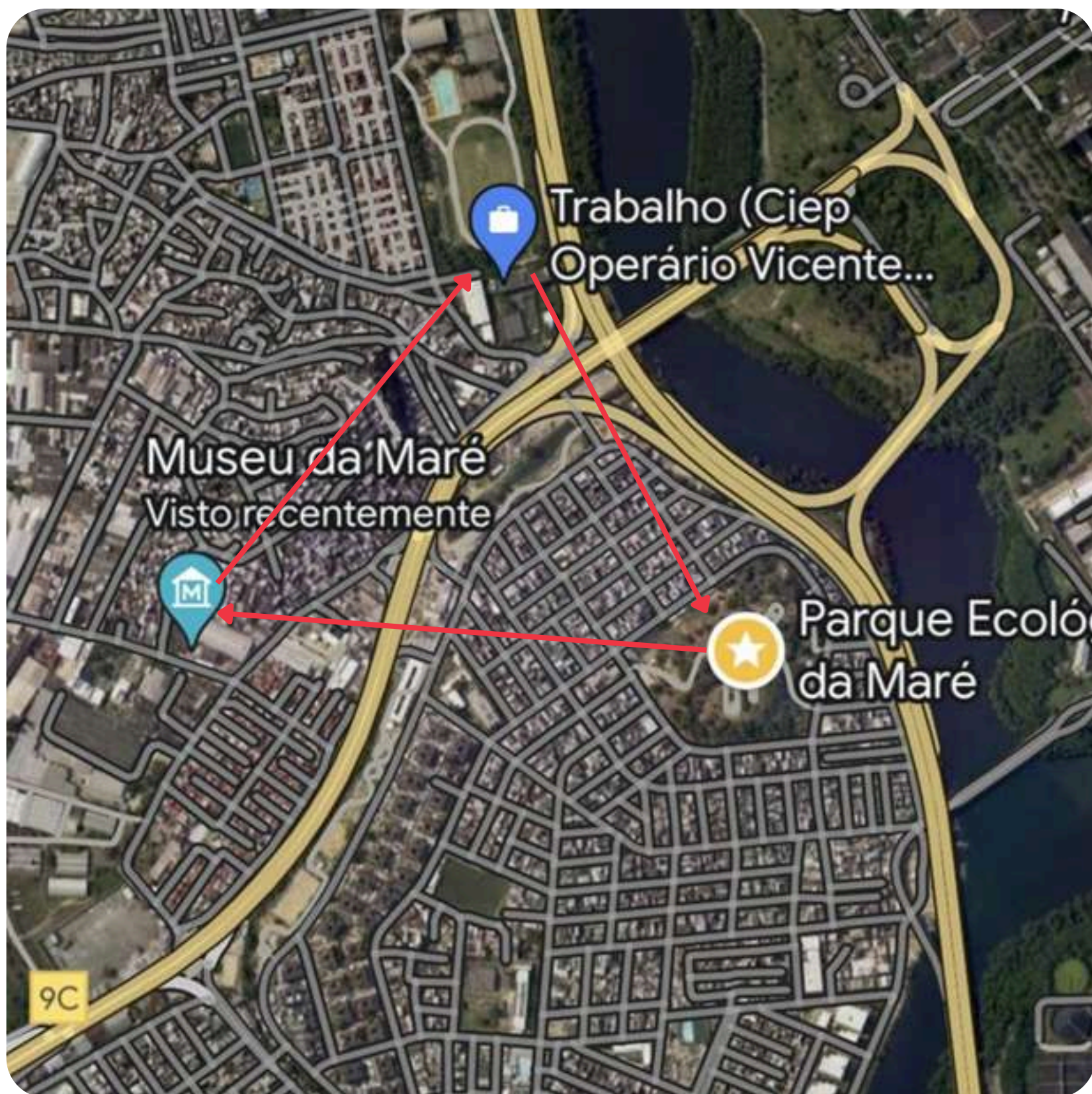
Isso desencadeou um debate sobre as responsabilidades individuais ou coletivas das questões ambientais observadas, com o professor/pesquisador intervindo brevemente para contextualizar a história da comunidade e suas dificuldades históricas.

Outro grande problema ambiental apontado pelos estudantes foi a violência, que desempenha um papel significativo na deterioração da qualidade de vida na comunidade. A presença de duas facções paramilitares disputando o território é mencionada, assim como as incursões policiais frequentes associadas a esses grupos.

Assim como aconteceu com o problema do lixo, as opiniões dos estudantes sobre a violência divergiram, mas a maioria apontou para a atuação do Estado como principal responsável. Alguns estudantes também relacionaram a violência ao uso e venda de substâncias proibidas.

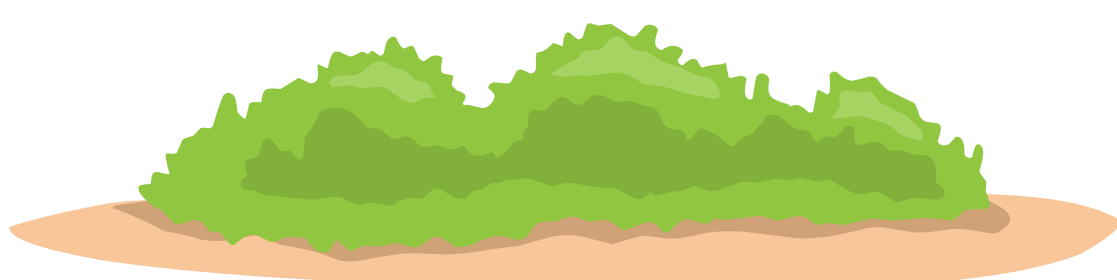
Após discutirem os problemas atuais da comunidade, o professor/pesquisador conduziu o debate para o futuro, questionando como os estudantes imaginavam a Maré daqui a setenta anos, com base nas primeiras ocupações do local. Houve intervenções negativas, destacando um olhar pessimista sobre a possibilidade de mudança na comunidade. No entanto, também houve estudantes expressando afeto pela comunidade e um grupo minoritário que apontava para soluções coletivas para os problemas enfrentados.

O campo



Trajeta realizado no campo

A atividade ocorreu conforme o planejamento previsto. As turmas da escola participaram da saída de campo, o que proporcionou reflexões e análises sobre o espaço da comunidade e suas interconexões. Todo o percurso foi feito a pé, partindo da escola em direção ao parque ecológico, e em seguida ao Museu da Maré. Durante o trajeto, foi feita uma parada para uma explanação na Linha Amarela.





Momento da saída da escola

Durante uma atividade pedagógica anterior, uma estudante sugeriu que a nossa atividade incluísse uma parada no parque ecológico. Essa ideia foi ótima por dois motivos: primeiro, nos deu a chance de os alunos participarem das decisões; segundo, o parque ecológico é um lugar relativamente bem conservado na nossa comunidade, com uma história muito interessante.

Ao planejarmos a atividade, percebemos que o parque ecológico tinha muito a ensinar sobre educação ambiental. Ele fica em um lugar conhecido como "A Mata", que costumava ser uma ilha usada pela Fundação Oswaldo Cruz para criar macacos durante boa parte do século XX.

Isso gerou muitas discussões sobre a história e a importância do parque. Depois, fomos visitar o Museu da Maré e vimos como a comunidade e o lugar mudaram ao longo do tempo. Essa observação nos mostrou que grandes mudanças são possíveis. Assim como a transformação que causou a degradação ambiental que vemos hoje, também é possível uma transformação positiva no futuro, se trabalharmos juntos.

A mata antes



A mata hoje



Após muitos debates sobre o parque e sua história, visitamos o Museu da Maré, onde pudemos ver como a comunidade e o espaço mudaram ao longo do tempo. Isso ajudou os alunos a entenderem que grandes mudanças são possíveis, tanto positivas quanto negativas.

Quando chegamos ao parque, muitos alunos estavam animados e queriam compartilhar suas ideias ao mesmo tempo. Isso é compreensível, já que eles têm poucas oportunidades de sair da escola e estão em uma fase de descoberta.

Ao entrar no parque, vimos algumas pessoas passeando com animais e alguns idosos relaxando nos bancos. Mas, ao subirmos até a parte mais alta, nos deparamos com alguns agentes de grupos paramilitares. Isso nos assustou no começo, mas quando começamos a explicar nossa atividade, eles se afastaram e foram embora. Um deles até pediu desculpas por interromper nossa aula.

Esse incidente gerou muita discussão entre os alunos. Eles ficaram surpresos ao verem os agentes se retirarem, já que é algo raro de acontecer. Além disso, ficaram preocupados ao perceberem que esses agentes também estavam presentes em pontos onde vendem substâncias ilegais na comunidade.



Visita ao parque.
fotografia dos
estudantes

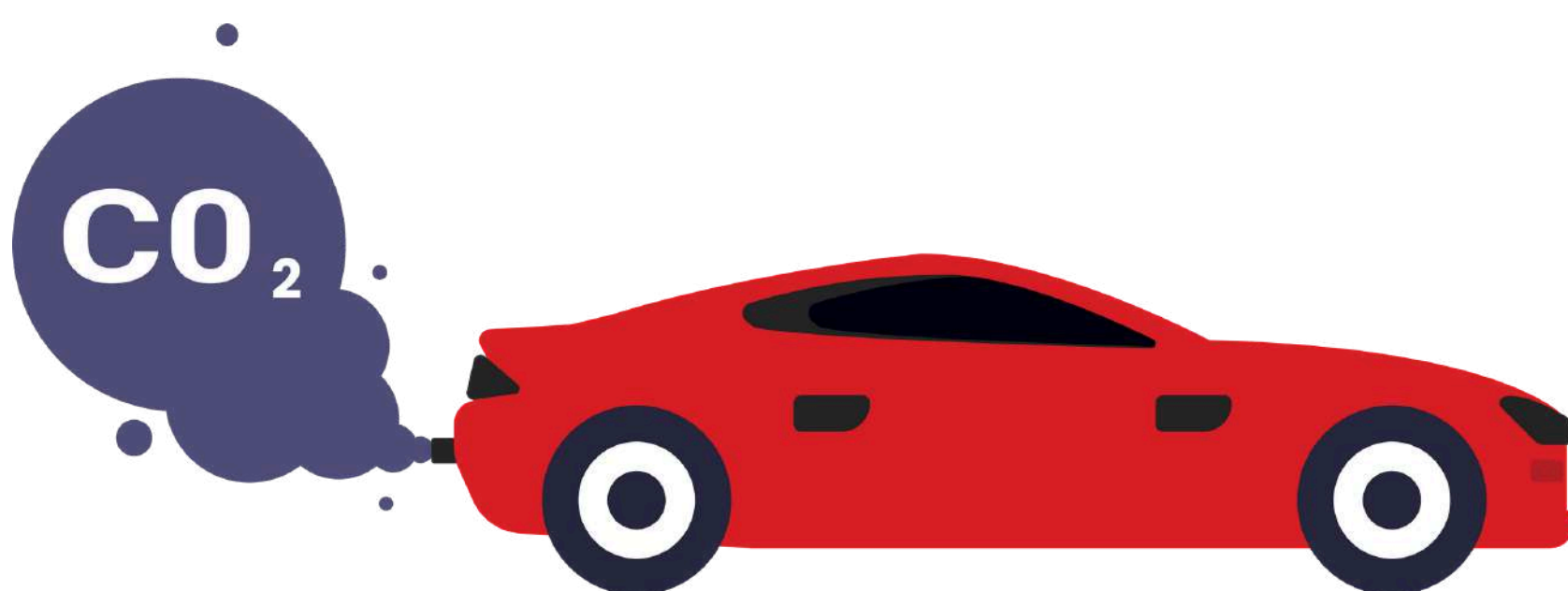
Após a visita ao parque, seguimos em direção ao Museu da Maré, atravessando a Linha Amarela, uma estrada importante que liga diferentes partes da cidade. Decidimos parar nesse ponto para entender como a cidade afeta nossa comunidade e como isso está ligado aos problemas ambientais que enfrentamos. Queríamos mostrar aos alunos como o que acontece localmente está conectado ao que acontece em todo o mundo, e como a presença dessa estrada afeta o ar que respiramos e o barulho que ouvimos.

Além da Linha Amarela, também temos outras estradas grandes ao redor da nossa comunidade, como a Avenida Brasil e a Linha Vermelha. Essas estradas contribuem para a poluição do ar e o barulho aqui na favela.

Durante nossa observação das estradas, um aluno fez um comentário interessante:

Estudante: "Sabe, professor, o engraçado é que a Linha Vermelha nem tem ônibus... Se eu quiser ir para Caxias, tenho que dar a volta pela Brasil... Por isso, acabo não visitando meu pai lá" (risos).

Esse comentário nos fez pensar sobre como os projetos de infraestrutura podem afetar as pessoas de maneiras diferentes. Nem sempre o que é bom para a cidade como um todo é bom para todos os moradores. Para os moradores da Maré, muitas vezes acabam sofrendo mais do que se beneficiando com a construção dessas estradas.





Parada para debate na
linha amarela

Após os debates na passarela da linha amarela, fomos ao Museu da Maré, uma parte importante do nosso projeto de educação ambiental. Para marcar a visita, é necessário ligar para a secretaria do museu com antecedência. O professor decidiu ir pessoalmente ao museu para organizar a atividade e, para nossa surpresa, descobrimos que um dos educadores do museu era um ex-aluno da nossa escola.

O museu compartilha os mesmos objetivos do nosso projeto: entender as origens dos problemas ambientais e valorizar a existência da comunidade. Durante a visita, contamos com a presença de educadores do museu, que nos guiaram pelas exposições.

Os alunos ficaram animados ao ver como o parque ecológico era antigamente, há quase cem anos. Muitos ficaram surpresos com a transformação ao longo do tempo, mas entenderam que mudanças significativas são possíveis para nossa comunidade.

A visita continuou conforme planejado. O museu tem um acervo organizado que nos ajuda a entender os problemas atuais da comunidade e as conquistas do passado. As questões discutidas durante os debates, como o lixo e a violência, foram abordadas durante a visita.

Falamos sobre como o lixo mudou ao longo dos anos e como a comunidade enfrentou desafios, como a construção de casas sobre palafitas. Apesar das dificuldades, muitos alunos viram que houve melhorias na qualidade de vida com o tempo.

A violência também foi discutida, especialmente na parte da exposição chamada "O Tempo do Medo". Isso ajudou os alunos a entenderem melhor os desafios enfrentados pela comunidade ao longo dos anos.



O tempo do medo

As instalações da parte chamada "Tempo do Medo" têm paredes mais escuras e mostram fotografias de ações policiais e agentes armados. Além disso, há centenas de cápsulas de bala de diferentes tamanhos e uma parede com réplicas de gesso dos buracos deixados nas casas após operações policiais.

Nessa parte da visita, os alunos podem refletir sobre o passado e o futuro da comunidade. É um momento importante para discutir questões como segurança e violência que afetam nossa comunidade.

Depois da visita, tivemos um momento de relaxamento do lado de fora do museu, onde os alunos puderam lanchar e brincar um pouco. Depois, voltamos caminhando para a escola e todos foram liberados para ir para casa. A atividade toda durou cerca de quatro horas e meia.

O próximo passo é realizar um debate depois da visita, onde vamos discutir novamente os temas que surgiram durante o passeio. Isso nos ajudará a entender melhor como a visita ao museu contribui para nossa educação ambiental crítica e transformadora.



O pós-campo

A terceira e última parte dessa atividade consiste em retornar ao espaço de sala de aula para sistematizar, em conjunto, tudo aquilo que se pode observar durante a atividade de campo. Essa etapa enfrentou várias dificuldades para ser realizada, sendo necessário remarcar mais de três vezes com uma turma e duas vezes com as demais. Os meses de setembro e outubro foram marcados por intensas operações policiais na comunidade, chegando a ficar mais de dez dias seguidos sem conseguir abrir as escolas da comunidade.

Essa dificuldade impactou a clareza das ideias no debate, que acabou sendo dominado pela questão da violência, especialmente devido aos recentes eventos. Isso foi diferente do que observamos no pré-campo, onde o lixo foi o foco inicial. No entanto, dado o destaque que os estudantes deram à violência, foi possível aprofundar bastante nesse tema, considerando o evento que fechou as escolas por mais de dez dias.

O objetivo da atividade de campo foi mostrar as transformações ocorridas no espaço da comunidade da Maré. E, neste momento de pós-campo, buscamos captar o que os estudantes construíram com essa experiência. Esta parte da atividade foi realizada durante uma aula de cinquenta minutos, algumas semanas após o campo.

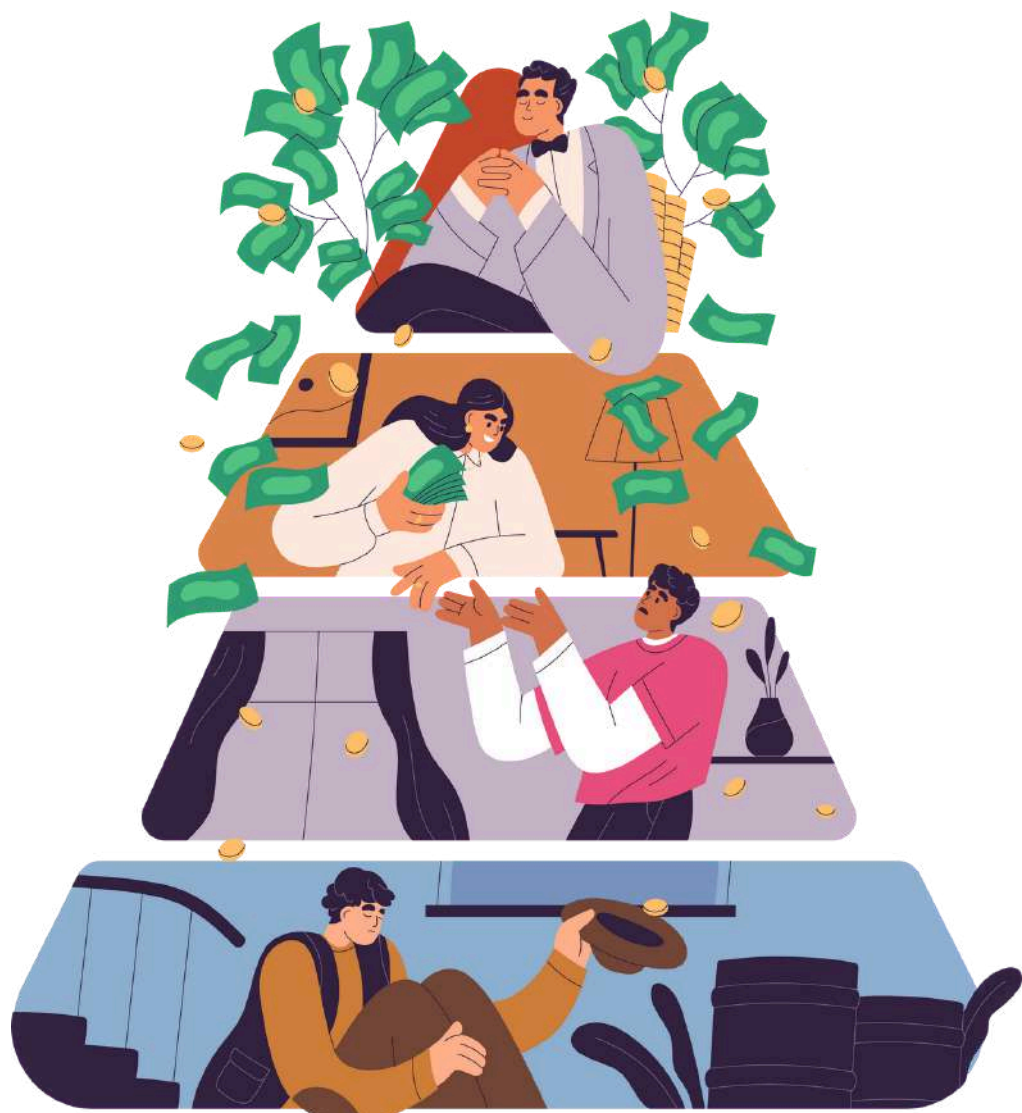


A violência emergiu como a principal categoria discutida nesse momento. Nas primeiras falas, os estudantes expressaram o impacto das operações policiais na comunidade:

- Estudante: "Eu gosto muito da favela, de verdade, muito mesmo. Só que o problema aqui dentro é a violência, operação direto, a gente perde aula, fica trancado dentro de casa. E isso atrapalha tudo, tá ligado?"
- Estudante: "Tenho esperança não, só piora ao longo do tempo.... mentira até que melhorou né? De 30 anos para cá, em algumas coisas. Eu acho que para as pessoas pode até ter esperança, mas para a favela só piora... no quesito beleza, beleza não (é estética que fala) e a violência, eu acho que vai piorar, mas pra pessoas melhorar. O pensamento vai evoluir, mas as operações não vão parar..."

Essas falas refletem o impacto das operações policiais na comunidade. Muitos estudantes expressaram sua revolta com as ações do estado, indicando a dificuldade de vislumbrar um futuro positivo para a comunidade.

Conforme o debate progrediu, outros aspectos foram abordados. Uma observação importante foi a carência de atividades extracurriculares que estimulassem debates mais amplos, bem como as demais carências que a escola apresenta.



Além disso, houve uma valorização do pensamento sobre o espaço da comunidade. Os estudantes reconheceram a importância de compreender a história e a dinâmica do local:

- Estudante: "Tipo assim, eu achei que o trabalho foi muito interessante para saber nossa história, a história de onde a gente vem, do nosso lugar, do nosso local, fez a gente olhar mais nosso passado, e ver como aqui era, não contam pra agente essa história..."
- Estudante: "Tipo ver nosso passado para refletir nosso futuro. Tipo agente sabendo o que aconteceu no passado da favela, há um tempo atrás, a gente vai poder pensar também, setenta anos no futuro é muita mudança, vai ter. Também achei bom pra gente refletir mais em nossas escolhas, sobre o nosso lugar e sobre o que a gente faz." (Alunos aplaudiram ao final)

Essas falas demonstram como os estudantes conseguiram adquirir uma nova perspectiva sobre a comunidade, pensando em possíveis transformações.



Ilha do Pinheiro, hoje a
mate - 1930

Outro ponto de destaque foi o debate sobre o parque ecológico, ou a "Mata". Diferente da visita ao museu, onde quase todos os estudantes relataram uma experiência positiva, houve opiniões divergentes sobre a "Mata".

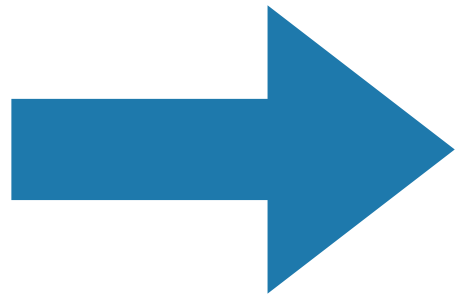
- Estudante: "Eu achei o passeio bem legal, a única parte chata foi a Mata que estava toda acabada, estava toda horrível, o melhor foi o museu da Maré. Que foi legal também, só que o cara falava muito, mas eu gostei, eu prestei bastante atenção nas fotos. Gostei pra caramba do museu da Maré, gostei muito da hora do lanche também, mas foi um passeio bem legal. Eu gostei."
- Estudante: "Eu achei... a mata foi uma merda né!? Porque está toda suja... cheio de maconheiro lá embaixo. Agora o museu da Maré foi uma maravilha. Adorei conhecer as casas de antigamente. Tá ligado? Como era a prancha antigamente, hoje em dia evolui muito..."

Essas intervenções destacam a diversidade de percepções sobre o espaço da comunidade e ressaltam a importância de cuidar desse ambiente.

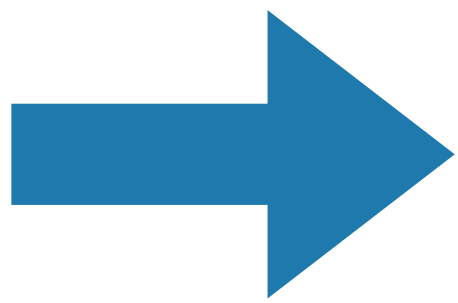
Com essa atividade de análise do campo, fechamos a aplicação de todo o projeto.



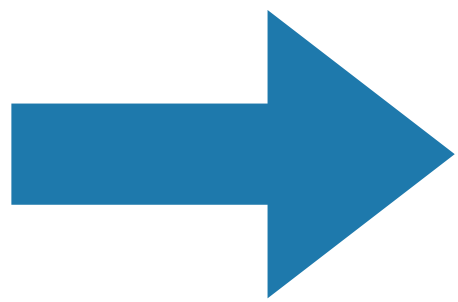
Recursos utilizados



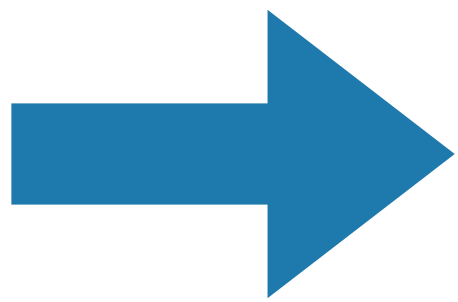
Agentes de apoio ou professores para acompanhar a saída de campo



Autorização dos responsáveis



Câmera fotográfica ou celulares.



Impressora para o roteiro de campo



Cada território carrega com si sua história e com isso cada escola pode ter seu campo de forma diferente. Para escolher o local de campo a participação dos estudantes é a chave para a conexão dos lugares ao mundo.



Algumas considerações

Quando unimos o que aprendemos em geografia com questões sobre o meio ambiente, surgem reflexões importantes. Isso porque o jeito como nosso mundo é organizado, especialmente pela globalização, afeta diretamente os lugares onde vivemos, podendo até colocar em risco nossa saúde e bem-estar.

Atualmente, a educação sobre o meio ambiente não é uma disciplina específica, mas algo que está presente em várias matérias, incluindo geografia. E quando tratamos o assunto de forma crítica, analisando como o sistema em que vivemos contribui para problemas ambientais, o ensino de geografia se torna ainda mais relevante.

Durante o projeto que fizemos, percebemos que os alunos se interessam mais quando conseguem relacionar o que aprendem com suas próprias vidas. Isso faz com que se sintam mais importantes no processo de aprendizagem, diferente de quando só o professor tem o controle do conhecimento.

Porém, enfrentamos desafios, especialmente em comunidades afetadas pela violência e por operações policiais frequentes. Esses eventos afetam diretamente a rotina escolar, dificultando a continuidade das aulas e a realização de projetos como o nosso.



Outro problema é a falta de apoio e recursos nas escolas públicas, o que dificulta ainda mais o trabalho dos professores e educadores. Por exemplo, realizar atividades fora da sala de aula pode ser complicado devido à falta de transporte e outros recursos.

Apesar das dificuldades, a pesquisa nos mostrou como é importante proporcionar aos alunos uma compreensão crítica do mundo ao seu redor. Isso os ajuda a se sentirem capazes de fazer a diferença em suas comunidades.

Para melhorar, precisamos pensar em como integrar ainda mais o ensino de geografia com a educação ambiental crítica. Também é essencial valorizar e estudar mais as realidades das comunidades menos privilegiadas, como as favelas do Rio de Janeiro, para construirmos um conhecimento mais justo e igualitário para todos.



Referências:

CASSINO, Fábio. Educação ambiental: princípios, história, formação de professores. 4º ed. São Paulo. Editora Senac São Paulo, 1999.

FREIRE, Paulo. Pedagogia do oprimido. 50º ed. Rio de Janeiro. Paz e Terra, 2011.

GONÇALVES, Carlos Walter Porto. O desafio ambiental. 7º ed. Rio de Janeiro. Record, 2019.

GONÇALVES, Carlos Walter Porto. A natureza da globalização e a globalização da natureza. 1º ed. Rio de Janeiro. Civilização Brasileira. 2006.

GUIMARÃES, Mauro. A dimensão ambiental na educação. 12º ed. Campinas, SP. Papirus, 2015.

GRUN, Mauro. Ética e educação ambiental: A conexão necessária. 14º ed. Campinas, SP. Papirus. 2012.

LEFF, Henrique. Racionalidade ambiental: a reapropriação social da natureza. 2º ed. Rio de Janeiro. Civilização Brasileira, 2014.

LOUREIRO, Carlos Frederico B. Trajetória e fundamentos da educação ambiental. 2º ed. São Paulo. Cortez 2006.

SANTOS, MILTON. A Natureza do Espaço: Técnica e Tempo, Razão e Emoção. 4º ed. São Paulo. Edusp 2012.

SANTOS, MILTON. Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal. 17º ed. São Paulo. Record 2008.

VIEIRA, Antônio Carlos Pinto; SILVA, Claudia Rose Ribeiro da; OLIVEIRA, Antônio de (ORG). A Maré em 12 Tempos. Rio de Janeiro: Ceasm: Epirógrafo, 2020.